

# Entre a audácia, a paixão e o prazer proibido: o homoerotismo em *Bom-crioulo* de Adolfo Caminha

## Among the audacity, passion and forbidden pleasure: the homoeroticism in *Bom-crioulo* by Adolfo Caminha

Flávia Gangorra Paiva

Graduada em Letras/Português  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
[flaviagangorraiva@gmail.com](mailto:flaviagangorraiva@gmail.com)

Juscelino Francisco do Nascimento

Mestre em Letras  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
[juscelinosampa@hotmail.com](mailto:juscelinosampa@hotmail.com)

Recebido em: 12/06/2015

Aprovado em: 30/07/2015

**RESUMO:** Este artigo discute a representação do homoerotismo masculino e visa encontrar possíveis aspectos que condenam e inferiorizam a prática homoerótica. Posto isso, ressalta-se que a obra, analisada por meio de um estudo bibliográfico e com base em autores como Alberoni (1993), Barcellos (2006), Castello Branco (1984, 2004), Miguel-Pereira (1973) e Thomé (2009), foi duramente criticada e censurada por renomados críticos, tendo seu valor literário reduzido justamente por trazer à tona, em sua narrativa, o prazer homoerótico. Foi observado que o narrador apresenta um enredo que trata sutilmente o ato homossexual, porém, há controvérsias, visto que, ao mesmo tempo, essa ação é descrita como um comportamento vicioso e patológico. Dessa forma, foi analisado que a narrativa de *Bom-Crioulo* está impregnada de ideias conservadoras naturalistas, pois envolve ideologias intermediadas pelo discurso médico-científico, que tratava o prazer homossexual como uma prática desmoralizada e perversa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Naturalismo, Homossexualidade, Homoerotismo.

**ABSTRACT:** This paper discusses the representation of male homoeroticism and aims at finding possible ways that condemn and inferior homoerotic practice. That said, it is emphasized that the work, analyzed by means of a bibliographic study and based on authors such as Alberoni (1993), Barcellos (2006), Castello Branco (1984, 2004), Miguel-Pereira (1973) and Thome (2009), was harshly criticized and censured by critics renowned, with its literary value reduced just by bringing out in his narrative, the homoerotic pleasure. It was observed that the narrator has a plot that subtly treats the homosexual act, however, is controversial because, while this action is described as a vicious and pathological behavior. Thus, it was considered that the narrative of *Bom-Crioulo* is impregnated with naturalists conservative ideas because it involves ideologies brokered by the medical-scientific discourse, that was gay pleasure as a demoralized and perverted practice.

**KEYWORDS:** Naturalism, Homosexuality, Homoeroticism.

## O romance *Bom-crioulo*: a ousadia do “livro maldito”

Tenso e polêmico, Adolfo Caminha, escritor que pertence à estética do Naturalismo, adotou, em seus romances, um estilo próprio, que seguia, fielmente, os princípios naturalistas<sup>1</sup> e utilizava, em suas obras, um enredo aparentemente simples, porém, impressionante e constrangedor para a sociedade do século XIX. Com base nisso, Bosi<sup>2</sup> assevera que “do Naturalismo tomou Adolfo Caminha a crença na fatalidade do meio e o gosto dos temas escabrosos”. De acordo com essas ideias, o romance *Bom-Crioulo* tocou em um assunto que até então estava silenciado nas tramas literárias desse período, já que assegurava em sua narrativa a transgressão incumbida pela homossexualidade.

*Bom-Crioulo* teve sua primeira edição publicada em 1895. Apesar de não ser considerada, por vários críticos, uma das grandes obras de destaque do Naturalismo<sup>3</sup>, ele é consagrado o primeiro romance brasileiro de literatura gay. Thomé<sup>4</sup> constata que “na verdade, não seria nenhum exagero afirmar que *Bom-crioulo* representa um marco na história da literatura *gay* universal.” Ao contrário de outras obras naturalistas, o homoerotismo masculino é a temática que norteia esse romance.

Contudo, a recepção crítica do romance *Bom-Crioulo* levou Caminha a sofrer duras condenações por renomados teóricos, principalmente por parte do crítico literário José Veríssimo, já que “não parece ter tomado conhecimento de sua existência”<sup>5</sup>. Nesse aspecto, ressalta-se que Veríssimo abominou por completo esse romance, pois acreditava que o assunto abordado nessa obra era inapropriado para a época. Além disso, Thomé<sup>6</sup> argumenta que *Bom-Crioulo* trouxe, em sua narrativa, características que fizeram dele “um livro maldito” e, por esse motivo, foi excluído dos ambientes escolares, assim como de bibliotecas públicas, provocando, por completo, o desprezo social em relação a essa obra.

Na verdade, toda essa repressão deu-se pelo fato de Caminha ter colocado em registro o prazer sexual homoerótico, na obra em estudo, já que, conforme Azevedo apud Thomé<sup>7</sup>, “foram as cenas de homossexualismo (...) que causaram a indignação de críticos não só contemporâneos

<sup>1</sup> MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: realismo*. São Paulo: Cultrix, 1984.

<sup>2</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

<sup>3</sup> MOISÉS. *História da literatura brasileira*.

<sup>4</sup> THOMÉ, Ricardo. *Eros Proibido: as ideologias em torno da questão homoerótica na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Razão Cultural, 2009.

<sup>5</sup> MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira: Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

<sup>6</sup> THOMÉ. *Eros Proibido*.

<sup>7</sup> \_\_\_\_\_. *Eros Proibido*.

do romancista, como até de nossos dias”. Nesse sentido, destaca-se que, apesar do repúdio provocado pelo romance, *Bom-Crioulo* dramatiza uma ficção altamente composta de verossimilhança<sup>8</sup> e expõe, com coragem e audácia, uma temática impetuosa para seu tempo. Dessa forma, apesar de ter sido publicada no século XIX, essa obra é dotada de originalidade e também se identifica, por assim dizer, com a sociedade atual.

*Bom-Crioulo* é um marco na nossa literatura, porque reproduz, em sua narrativa, um tema ousado, que se estrutura com personagens polêmicos, pois, segundo Bezerra<sup>9</sup>:

O realismo e o naturalismo trouxeram para o centro da cena literária brasileira temas e representações de sujeitos ainda não vistos, como o negro, o pobre, o escravo, o homossexual, todos esses presentes na obra de Adolfo Caminha, especialmente em seu *Bom-Crioulo*.

Neste ponto, de acordo com o exposto, a obra citada tem forte influência no espaço literário, justamente pelo fato de expor personagens com comportamentos totalmente distintos daqueles que compunham outras obras. Nesse sentido, o romance *Bom-Crioulo* teve grande destaque porque trouxe, pela primeira vez ao romance, um protagonista negro, pobre e homossexual que se deixa controlar por seus instintos e por seu impulso sexual.

O romance em análise tem como temática “a inversão sexual entre marinheiros”. Nesse aspecto, *Bom-Crioulo* é marcado pelo envolvimento homoerótico entre dois tripulantes, que passam a vivenciar, de maneira constrangedora, uma relação proibida e trágica.

### **A representação do homoerotismo em *Bom-crioulo***

A princípio, é importante enfatizar que *Bom-Crioulo* pode nos proporcionar várias interpretações por parte do leitor e da crítica. Nessa visão, Barthes<sup>10</sup> afirma que “a função da crítica não é pois descobrir e explicar o sentido de uma obra literária, mas descrever o funcionamento do sistema de significação”. Em virtude disso, é necessário esclarecer que um texto literário possibilita vários significados diferentes, pois a sua linguagem assume um alto poder discursivo. Nesse aspecto, destaca-se que este artigo não tem como propósito atribuir ao romance uma única interpretação, mas fornecer uma possível explicação acerca da condenação da

<sup>8</sup> BOSI. *História concisa da literatura brasileira*.

<sup>9</sup> BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. *Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

<sup>10</sup> BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. – (Debates 24; dirigido por J. Guinsburg). Título original: *Critique ET Vérite e Essais Critiques*, 2ª reimpr. da 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

prática homoerótica em *Bom-Crioulo*, pois “o que faz a boa crítica não é sua veracidade, mas sua validade (...)”<sup>11</sup>.

O romance relata a paixão carnal e obsessiva de Amaro por Aleixo. O primeiro, o “bom-crioulo”, de aproximadamente 30 anos, um escravo fugido, que encontra seu refúgio na Marinha, é descrito pelo narrador como:

(...) um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada, e cuja presença ali, naquela ocasião, despertava grande interesse e viva curiosidade: era o Amaro, gajeiro da proa – o Bom-Crioulo na gíria de bordo<sup>12</sup>.

De acordo com o fragmento acima, observa-se que Amaro, o protagonista do romance, possui um padrão físico masculino, pois seus músculos nos repassam a ideia de força bruta, que lhe ajudavam a suportar a rígida disciplina militar. Além disso, a descrição aplicada a ele faz referência a um indivíduo viril, com características essencialmente voltadas ao “homem macho”. Já Aleixo, um grumete de 15 anos de idade, é visto com aspectos associados à figura feminina, conforme o excerto abaixo:

Nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!... Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero!...<sup>13</sup>.

O trecho acima compartilha a ideia de que Aleixo remete à fragilidade e à sensibilidade, além de possuir curvas femininas tal qual uma mulher. De fato, percebe-se certa contradição nas descrições a respeito de Amaro e Aleixo, já que, apesar de ambos pertencerem ao sexo masculino, esses personagens são descritos de forma ambígua, pois, segundo Thomé<sup>14</sup>, “o narrador coloca os dois protagonistas em clara oposição: de um lado Amaro, [...] protótipo do macho em estado bruto, animalesco; de outro, Aleixo, retratado quase como mulher”. Nesse aspecto, destaca-se que o envolvimento sexual entre eles, embora seja uma relação tida como “homossexual”, na verdade, é narrada como uma relação entre pessoas de sexo oposto, na qual um exerce sua função masculina (Amaro) e ao outro são atribuídas características do gênero feminino condições femininas (Aleixo).

---

<sup>11</sup> BARTHES. *Crítica e Verdade*.

<sup>12</sup> CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

<sup>13</sup> CAMINHA. *Bom-Crioulo*.

<sup>14</sup> THOMÉ. *Eros Proibido*.

O negro Amaro era respeitado por todos os companheiros de bordo, porquanto conseguia fazer, com afinco, todas as atividades que lhe eram propostas. Além do mais, graças ao seu grande desempenho nos afazeres, passou a ser chamado de “Bom-Crioulo”. Todavia, Amaro muda completamente seu comportamento quando Aleixo, um belo rapaz, entra em sua vida.

No primeiro surgimento de Amaro na trama, ele aparece sendo castigado, severamente, por causa de Aleixo, um bonito jovem com “(...) um arzinho ingênuo, de menino obediente (...)”<sup>15</sup>. Na realidade, o jovem grumete conseguiu conquistar, logo de início, a afabilidade do negro Amaro e, por essa razão, o protagonista não admitia, em hipótese alguma, que alguém atormentasse seu mais novo “amigo”, conforme se vê abaixo:

O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto-mar, a bordo da corveta, era outro, muito outro: Bom-Crioulo esmurrara impiedosamente um segunda-classe, porque este ousara ‘sem o seu consentimento’, maltratar o grumete, Aleixo, um belo marinheirito de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se ‘coisas’<sup>16</sup>.

Com base no trecho acima, um aspecto de grande relevância é o fato de o narrador usar a expressão “diziam-se coisas”, o que leva a compreender que, embora ele se mantenha distante dos fatos relatados, transmite a ideia de desaprovação do comportamento de Aleixo, já que seu discurso soa de forma depreciativa, revelando, logo de início, a não aceitação da prática homoerótica. Outro ponto interessante é que, a todo o momento, Aleixo é descrito com palavras no diminutivo, como “marinheirito”, “grumetezinho”, “rapazinho”, fazendo menção a um sujeito tido como delicado, já que, para Thomé<sup>17</sup>, “Aleixo é tratado como a uma mocinha (...)”.

Inicialmente, Aleixo não se deu conta ainda da paixão de Amaro e, ingenuamente, acreditava que ele almejava sua amizade sem nada em troca. Contudo, Bom-Crioulo sentia um forte desejo por Aleixo, que ansiava possuí-lo desesperadamente, já que não era apto a esconder essa aspiração sexual. Ao longo da narrativa, os dois personagens vão engendrando um forte vínculo de amizade, motivada, sobretudo, pelo desejo que Aleixo desperta em Amaro. Uma amizade que, na verdade, revela, ao leitor atento o desejo, o tesão e o sentimento de posse de um sobre o outro, uma forma de amor que tem, na amizade, uma estratégia de sobrevivência em um espaço social demasiadamente hostil. A esse respeito, destacamos o excerto abaixo:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento

<sup>15</sup> CAMINHA *Bom-Crioulo*.

<sup>16</sup> \_\_\_\_\_. *Bom-Crioulo*.

<sup>17</sup> THOMÉ. *Eros Proibido*.

indefinível que acomete duas vezes ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho<sup>18</sup>.

O mais interessante no fragmento acima é que ele apresenta o envolvimento entre Bom-Crioulo e o grumete de maneira animal (zoomorfismo). Deste modo, tem-se um relacionamento visto como uma pulsação sexual ligada ao desejo fisiológico<sup>19</sup>. Além do mais, esse trecho faz alusão ao vínculo de prazer e poder, mencionado por Foucault<sup>20</sup>, ao afirmar que “prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se; entrelaçam-se e se relançam.” Nesse aspecto, ressalta-se que há um forte vínculo que une Aleixo a Amaro, ligação que é motivada pela atração carnal e causada pelo medo, pois Aleixo se sente preso ao Bom-Crioulo. Com base nessas ideias, a relação entre eles provoca a subordinação do grumete, visto que este é totalmente dependente do negro Amaro, uma vez que Aleixo é um indivíduo frágil, que não possui autonomia durante o romance<sup>21</sup>.

Amaro até tinha tentado se envolver sexualmente com mulheres, quando tinha vinte anos, mas foi em vão, já que nunca obteve plena satisfação sexual com o sexo oposto. Todavia, sempre deu preferência a rapazes e, agora, não conseguia parar de pensar no “seu Aleixo”:

Nas horas de folga, no serviço, chovesse ou caísse fogo em brasa do céu, ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes, uma ideia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo como se ele fora do outro sexo, de possuí-lo, de tê-lo junto a si, de amá-lo, de gozá-lo!...<sup>22</sup>

Nessa direção, é importante frisar que esse fragmento faz alusão ao desejo erótico, já que este está inserido na mentalidade humana<sup>23</sup>. Baseado nisso, após as frustrações com prostitutas, Bom-Crioulo, apesar de julgar indecente a prática sexual com o mesmo sexo, pois “(...) revolta-se contra semelhante imoralidade (...)”<sup>24</sup>, não conseguia afrontar essa força que se expandia de prazer e, assim, a única maneira era “sacrificar” o grumete em prol de seu desejo.

---

<sup>18</sup> CAMINHA. *Bom-Crioulo*.

<sup>19</sup> THOMÉ. *Eros Proibido*.

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 17ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, Ltda. 2006. v. 1. Título original: *Histoire de la Sexualité: La volonté de savoir*.

<sup>21</sup> THOMÉ. *Eros Proibido*.

<sup>22</sup> CAMINHA. *Bom-Crioulo*.

<sup>23</sup> PAZ, Octávio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 2001.

<sup>24</sup> CAMINHA. *Bom-Crioulo*.



Certo dia de folga, Amaro passa a refletir sobre possíveis maneiras de saciar “(...) o seu forte desejo de macho torturado pela carnalidade grega”<sup>25</sup>. Nesse sentido, destaca-se que a volúpia sexual do Bom-Crioulo é descrita como algo que advém dos gregos. Ainda nessa linha de pensamento, vê-se que, em nenhum momento, o narrador pronuncia o termo “homossexualidade”, mas correlatos mais significativos para o período, como inversão sexual, que, a todo o momento, deixam claro para o leitor qual a temática abordada no romance.

Impossibilitado de ocultar sua aspiração sexual, Amaro procura convencer o grumete, estimulando-lhe o organismo, para que passem a noite juntos. O Bom-Crioulo, sem conseguir “resistir aos impulsos do sangue”, seduz Aleixo, eles se tornam amantes e se entregam ao prazer sexual, conforme abaixo:

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, Bom-Crioulo, aconchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve ânimo de murmurar uma palavra. Viu passarem como em sonho, as mil promessas de Bom-Crioulo: (...) Uma sensação de ventura infinita espalhava-se em todo corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... (...) E consumou-se o delito contra a natureza.<sup>26</sup>

Conforme o trecho, é possível perceber que Aleixo se sente encantado com as promessas de Amaro, imagina tudo o que há de incrível no Rio de Janeiro e, por um misto de aventura, cede às vontades do Bom-Crioulo, o que nos leva a compreender que Aleixo não nutre nenhum sentimento por Amaro. Quando o narrador afirma que “consumou-se o delito contra a natureza”, nota-se que esse fragmento remete ao momento da penetração sexual, instante em que o narrador interrompe, bruscamente, com um proferimento de palavras que deixa velado um olhar de rejeição do ato cometido pelos protagonistas, pois, nas palavras de Thomé<sup>27</sup>, “como é sem qualquer interferência que ele denominará de ‘delito contra a natureza’ o ato homossexual entre os dois personagens (...)”, ou seja, a relação homoerótica é julgada pelo narrador como um ato criminoso, que corrompe as leis naturais, levando a compreender que o homoerotismo é algo imoral e anômalo, já que está relacionado com uma irregularidade do organismo<sup>2829</sup>.

---

<sup>25</sup> CAMINHA. *Bom-Crioulo*.

<sup>26</sup> \_\_\_\_\_, *Bom-Crioulo*.

<sup>27</sup> THOMÉ. *Eros Proibido*.

<sup>28</sup> CASTELLO BRANCO, Lúcia. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

<sup>29</sup> \_\_\_\_\_, *O que é erotismo*.

No decorrer da narrativa, Amaro “(...) exterioriza seu pensamento através do narrador (...)”<sup>30</sup> ao constatar que “nunca se apercebera de semelhante anomalia... (...)”<sup>31</sup>. Por esse prisma, compreende-se que o personagem é induzido pelo narrador a atribuir ao seu comportamento sexual transtornos irregulares do organismo, que tratam a homossexualidade como uma aberração do sexo. Mesmo assim, Amaro afirma que é homem, pois tinha suas “necessidades como qualquer outro”<sup>32</sup>, já que chegou até mesmo a “cometer excessos que os médicos proíbem”<sup>33</sup>, isto é, a prática da masturbação que, naquela época, era totalmente coibida pela medicina, mas, mesmo assim, bastante comum. Na verdade, é importante observar que a masturbação pode estar associada à homossexualidade de Amaro, uma vez que, para Castello Branco<sup>34</sup>, a prática masturbatória poderia levar o indivíduo a praticar o homossexualismo, além de outras doenças de instinto sexual.

Voltando ao centro narrativo, os marinheiros, protagonistas da obra, decidem residir na Rua da Misericórdia, localizada no Rio de Janeiro. Ao chegar lá, se instalam na pensão da portuguesa D. Carolina, uma ex-prostituta, descrita pelo narrador como “(...) uma senhora gorda, redonda e meio idosa”<sup>35</sup>. Era amiga de Amaro e passou a ter um afeto por ele no dia em que o Bom-Crioulo salvou sua vida, quando ela foi abordada por ladrões.

Essa passagem do texto é um dado importante, porque envolve uma das cenas mais intensas do romance em análise, já que esse espaço ficcional será composto por um trinômio amoroso, o qual atribui aos personagens papéis trocados, como veremos adiante.

Aleixo e Amaro ficaram instalados em um sótão, um quartinho bem pequeno e sujo, mas que, aos poucos, foi adquirindo “nova feição” graças a Amaro, que sempre comprava enfeites, bugigangas e outros objetos para seu novo “lar”. Aleixo e Amaro passaram a viver como amantes, moravam e dormiam juntos. No entanto, o Bom-Crioulo é chamado para trabalhar em outro navio, tendo que ficar uns dias distante do “seu grumete”. A partir desse momento, o envolvimento entre eles passa a sofrer várias crises, que deixarão marcas profundas<sup>36</sup>, principalmente na vida de Amaro.

---

<sup>30</sup> THOMÉ. *Eros Proibido*.

<sup>31</sup> CAMINHA. *Bom-Crioulo*.

<sup>32</sup> \_\_\_\_\_. *Bom-Crioulo*.

<sup>33</sup> \_\_\_\_\_. *Bom-Crioulo*.

<sup>34</sup> CASTELLO BRANCO. *O que é erotismo*.

<sup>35</sup> CAMINHA. *Bom-Crioulo*.

<sup>36</sup> THOMÉ. *Eros Proibido*.



Sem Amaro ao seu lado, Aleixo até sente certo alívio, pois “o negro não lhe fazia muita falta”<sup>37</sup> e já tinha até pensado em arrumar “um caso” com um homem de ascensão social, já que, ao lado do Bom-Crioulo, jamais teria uma boa vida, visto que este não tinha algo de bom para lhe oferecer. Nesse ponto, é necessário destacar que o erotismo presente em Aleixo faz menção a características femininas, tendo em vista que, de acordo com Alberoni<sup>38</sup>, o erotismo feminino está associado ao *status* econômico do parceiro perante a sociedade. Por outro lado, Amaro está relacionado à postura erótica masculina, pois se fascina por Aleixo devido a sua aparência física, pois tinha o costume de pedir para que ele se despisse por completo, apenas para que pudesse contemplar o corpo do garoto, já que ele “(...) vibrava, demorando-se na idolatria pagã daquela nudez sensual (...)”<sup>39</sup>.

Com a ausência de Amaro, D. Carolina, inescrupulosamente, já dava indícios de insinuação para o grumete, chamando-o “carinhosamente” de “meu bonitinho”. Na verdade, sua real intenção era conquistar o jovem marinheiro. Nesse ponto, destaca-se que Aleixo já estava sentindo uma forte atração por D. Carolina, já não a achava tão velha, dizia a si mesmo que a idade não importava, mas apenas a fisionomia e o corpo. Finalmente, a portuguesa o seduz e consegue arrastá-lo para a cama:

Ela, de ordinário tão meiga, tão comedida, tão escrupulosa mesmo, aparecia-lhe como um animal formidável, cheio de sensualidade, como uma vaca do campo extraordinariamente excitada, que se atira ao macho antes que ele prepare o bote...<sup>40</sup>

No fragmento acima, percebe-se que o narrador utiliza o zoomorfismo para caracterizar a atitude de D. Carolina. Ela é vista como uma vaca, insaciável de desejo, que visa satisfazer por completo seu deleite sexual. Diante disso, há um aspecto interessante, pois, a partir daí, surge um triângulo amoroso, no qual “o alvo da disputa” é Aleixo, desejado por Amaro e D. Carolina, personagens que serão representados como “(...) o macho gay, o adolescente e a mulher masculinizada”<sup>41</sup>. Por esse ponto de vista, destaca-se que todos eles são descritos de maneira contraditória, já que assumem papéis colidentes a respeito de suas personalidades.

O curioso, na verdade, é que D. Carolina “atua como homem, pois conquista Aleixo, em vez de ser conquistada”<sup>42</sup>. Ainda assim, o jovem grumete passa a ser retratado como “homem em

---

<sup>37</sup> CAMINHA. *Bom-Crioulo*.

<sup>38</sup> ALBERONI, Francesco. *O Erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

<sup>39</sup> CAMINHA. *Bom-Crioulo*.

<sup>40</sup> \_\_\_\_\_. *Bom-Crioulo*.

<sup>41</sup> LOPES, Denilson. *O Homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

<sup>42</sup> MOISÉS. *História da literatura brasileira*.

formação”, já que está vivenciando sua primeira relação íntima com o sexo oposto. Desse modo, pode-se afirmar que, antes, Aleixo sofria do “vício da homossexualidade”, no entanto, se regenera, já que, conforme Thomé<sup>43</sup> o romance tenta repassar a “(...) ideia de que a mulher teria o poder de *salvar* um sujeito de seus desejos desviantes, de que um homossexual poderia ser *curado* a partir da intervenção direta de uma mulher”. Baseado nisso, compreende-se que, graças à intervenção da portuguesa, Aleixo deixou de padecer de uma suposta patologia sexual, no caso, a homossexualidade.

Aleixo, que era comparado pelo narrador a todo instante a uma mulher, passa a sofrer uma nova transformação, depois de se manter distante de Bom-Crioulo. A partir desse momento, o belo jovem assume uma nova postura na narrativa, “(...) que é, sem dúvida, a grande surpresa do romance”<sup>44</sup>. Isso ocorre porque, no início da narrativa, Aleixo era vinculado diretamente à figura feminina, todavia, após se envolver com a portuguesa, deixa de remeter características voltadas a uma mulher, porquanto, agora, deixou de “praticar o homossexualismo”.

Bom-Crioulo passou vários dias sem visitar Aleixo e, cheio de saudades, decide fugir e vai ao encontro do grumete, porém, ao chegar à pensão, não encontra seu amado. Furioso, embriagou-se e envolveu-se numa briga, o que acarretou sérias consequências, pois foi castigado de forma tão severa na Marinha, que foi preciso levá-lo ao hospital.

No leito do hospital, ainda com saudades de Aleixo, decide mandar um bilhete pedindo para ele ir visitá-lo, porém, D. Carolina, ao saber do ocorrido, resolve esconder tal acontecimento. Ao ter acesso ao bilhete, Aleixo se nega a ir ao encontro do Bom-Crioulo, pois “nunca o estimara”, sentia nojo e desprezo pelo negro.

Herculano, um colega de bordo de Amaro, vai visitá-lo no hospital e acaba confessando ao Bom-Crioulo que Aleixo estava “amigado” com uma mulher, o que provoca a ira de Amaro:

Amigado, o Aleixo! Amigado, ele que era todo seu, que lhe pertencia como o seu próprio coração: ele, que nunca lhe falara em mulheres, que dantes era tão ingênuo, tão dedicado, tão bom!... Amigar-se, viver com uma mulher, sentir o contato de outro corpo que não o seu, deixar-se beijar, morder, nas ânsias do gozo, por outra pessoa que não ele, Bom-Crioulo!...<sup>45</sup>

Amaro, inconformado com a traição, foge da enfermaria e vai procurar pelo amado na Rua da Misericórdia. Chegando lá, decide perguntar a um empregado de uma padaria se conhecia D. Carolina e, para seu desespero, acaba descobrindo toda a verdade. Ao avistar Aleixo,

<sup>43</sup> THOMÉ. *Eros Proibido*.

<sup>44</sup> \_\_\_\_\_. *Eros Proibido*.

<sup>45</sup> CAMINHA. *Bom-Crioulo*.

O negro teve um daqueles ímpetos medonhos, que o acometiam às vezes; garganteou um – oh! Rouco, abafado, comprimido, e, ligeiro, furioso, perdido de cólera, sem dar tempo a nada, precipitou-se, numa vertigem de seta, para a rua. Não via nada, não enxergava nada, tresvairado, como se de repente lhe houvesse faltado à luz dos olhos e a razão do cérebro (...) <sup>46</sup>.

Movido por ódio e vingança, Amaro, sendo incapaz de controlar seus instintos, assassina Aleixo. Após matar o grumete, Bom-Crioulo vai embora triste e desamparado. Depois dessa atrocidade:

– Mais um carro rodou, todo lúgubre, todo fechado, e a onda dos curiosos foi se espalhando, se espalhando, até cair tudo na monotonia habitual, no eterno vaivém <sup>47</sup>.

Dessa maneira, tem-se o desfecho do romance *Bom-Crioulo* com um final trágico, mas que possui um propósito, já que, conforme Moisés <sup>48</sup>, “(...) o assassinio de Aleixo assume foros de expiação, ritual de purificação, como se, através dele, Amaro, escravo fugido, se desferrasse das instituições, simbolizadas em Aleixo”. Por essa visão, é possível compreender que o término calamitoso da obra em estudo foi intencional, visto que pretendia castigar os personagens protagonistas por causa da sua homossexualidade. Desse modo, a representação da morte de Aleixo é vista como uma maneira de tentar purificar Bom-Crioulo do seu “vício”.

Em outras palavras, nem Amaro, nem Aleixo conseguiram concretizar sua felicidade por causa da sua “inversão” (conforme o pensamento que predominava nessa época), pois os infortúnios presentes na relação dos protagonistas foram premeditados pelo autor, já que visavam punir aqueles que se entregassem ao “vício sexual” <sup>49</sup>. Diante dessa constatação, Costa <sup>50</sup> observa que “no naturalismo, a relação entre criminalidade e homoerotismo [...] expande-se e reforça a imagem do ‘homossexualismo’ como desejo ou comportamento anti-social”. Com base nessas ideias, ressalta-se que era associada ao homossexual uma imagem que vinculava a brutalidade física e sexual, características que foram depositadas no personagem Amaro. Isso ocorre porque, de acordo com Costa <sup>51</sup>, o Naturalismo levava a comprovar que a homossexualidade provocava relações sexuais infames e animais, que não tinham controle, além de implicar que a prática homoerótica ia contra os princípios naturais, impostos pela fisiologia <sup>52</sup>.

---

<sup>46</sup> CAMINHA. *Bom-Crioulo*.

<sup>47</sup> \_\_\_\_\_. *Bom-Crioulo*.

<sup>48</sup> MOISÉS. *História da literatura brasileira*.

<sup>49</sup> THOMÉ. *Eros Proibido*.

<sup>50</sup> COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1992.

<sup>51</sup> \_\_\_\_\_. *A inocência e o vício*.

<sup>52</sup> BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e Homoerotismo em Questão*. São Paulo: Dialogarts, 2006.

*Bom-Crioulo* retrata a homossexualidade como uma patologia viciosa, pois, com base nos preceitos naturalistas, “o patológico torna-se regra”<sup>53</sup>. Nesse aspecto, o envolvimento homoerótico no romance analisado não é visto de forma benéfica, porque está relacionado à marginalidade sexual que, via de regra, conforme a época, é uma enfermidade do sexo, um vício clandestino<sup>54</sup>.

Outro dado interessante na obra é que, apesar de o narrador tratar sutilmente a temática homoerótica nesse romance, ele ainda assume uma postura moralista a respeito do tema, já que, embora Caminha deixe a “impressão de um narrador *isento*, sem preconceitos, um olhar mais cuidadoso prova, contudo, que tal isenção é apenas aparente, e que no bojo do texto subjaz uma ideologia de caráter conservador (...)”<sup>55</sup>. Desse modo, o narrador denota uma atitude que inferioriza a “conduta homossexual”, visto que, imbuído de um pensamento altamente conservador, visa condenar o envolvimento homoerótico entre os protagonistas.

Por fim, Thomé<sup>56</sup> aponta outro fator que confirma que o romance em estudo desaprova a prática homoerótica:

Contudo, ainda que raras tais inferências deixam transparecer o caráter moralista do texto, o que é ratificado pelo próprio autor no artigo ‘*Um livro condenado*’ que fez publicar no n° 2 de *A Nova Revista*, um periódico mensal que circulou no Rio de Janeiro, de janeiro a setembro de 1896, onde, na defesa de seu romance, pergunta: ‘Qual é o mais pernicioso: o *Bom-crioulo*, em que se estuda e condena o homossexualismo, ou essas páginas que aí andam pregando, em tom filosófico, a dissolução da família, o concubinato, o amor livre e toda a espécie da imoralidade social?’

Nesse ponto, evidencia-se que a intenção de Caminha não era apenas provocar a sociedade da época, mas também levar ao palco literário um romance que, apesar de audacioso<sup>57</sup>, propendia a corroborar a ideia de que a homossexualidade era um vício do sexo, que, caso não fosse contido, poderia levar às mais sérias atrocidades<sup>58</sup>. Em suma, Caminha não escreveu essa obra para combater ideologias que iam contra o envolvimento homossexual, mas simplesmente para auxiliar a difundir o pensamento de que a homossexualidade era uma desmoralização sexual e social.

### Considerações finais

---

<sup>53</sup> MOISÉS. *História da literatura brasileira*.

<sup>54</sup> CASTELLO BRANCO. *O que é erotismo*.

<sup>55</sup> THOMÉ. *Eros Proibido*.

<sup>56</sup> \_\_\_\_\_, *Eros Proibido*.

<sup>57</sup> MOISÉS. *História da literatura brasileira*.

<sup>58</sup> CASTELLO BRANCO. *O que é erotismo*.

Este estudo procurou explicar, no romance *Bom-Crioulo*, uma temática forte e audaciosa que possui como abordagem central o homoerotismo masculino, vivenciado entre personagens que possuem comportamentos que se contrapõem a sua personalidade. Foi possível perceber que essa obra está envolta de preceitos naturalistas respaldados no cientificismo, os quais culpam a homossexualidade pelos males causados ao próprio indivíduo homossexual e à sociedade.

No romance analisado, perpetuam ideologias que acreditavam que a prática homoerótica era um tipo de conduta que estava consignada a fatores biológicos e que determinariam aspectos doentios e irregulares ao homem. Devido a isso, o personagem Amaro é retratado, na narrativa, como um indivíduo que padece do “vício sexual” e, por esse motivo, para tentar se “curar desse mal”, assassina Aleixo, o que pode ser entendido como uma punição aplicada aos protagonistas da trama por adotarem comportamentos repelidos pelo meio social.

Dessa maneira, conclui-se, por um lado, que o romance *Bom-Crioulo* desaprova por completo a prática homoerótica, porque estava impregnado de ideias naturalistas, além de cultivar, no eixo narrativo, pensamentos conservadores que, assim como o Naturalismo, acreditavam que a homossexualidade era uma doença de instinto sexual, que desvirtuava os indivíduos para que cometessem atos tidos como “viciosos” que os corrompiam. Por outro lado, embora essa obra culpe a homossexualidade pela fatalidade no fim da trama, ressalta-se que, ainda assim, *Bom-Crioulo* evidencia que o tipo de Amaro, [...] é dos mais realizados da ficção brasileira<sup>59</sup>, porque remonta à fraqueza humana e, acima de tudo, vive densamente sua paixão carnal, enfrentando o orgulho e, principalmente, a dor de “amar” e não ser amado, ou melhor, de “amar” e ser castigado por causa da sua “anomalia sexual”.

---

<sup>59</sup> MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira*.